

ACOMPANHAMENTO PSICOLÓGICO JUNTO A UMA EQUIPE DE VÔLEI FEMININO: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA¹

Erika Höfling Epiphânio²

Paulo Albertini³

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo compreender as dificuldades psicológicas vivenciadas por uma equipe de vôlei feminino juvenil e, ainda, discutir o processo de intervenção realizado junto à mesma. Esta pesquisa busca suprir uma carência da área de Psicologia do esporte com relação as investigações que relatem experiências práticas, realizadas junto a equipes esportivas. Participaram como sujeitos um time de vôlei feminino juvenil, composto por 12 jogadoras com média de idade de 17,5 anos. Foi realizado acompanhamento psicológico com as jogadoras de março a dezembro de 1997. Este acompanhamento consistiu em sessões individuais e em grupos. A coleta de dados foi realizada a partir de: entrevistas individuais iniciais com o técnico e com as jogadoras, relatos de sessões individuais e em grupos, observação de jogos e entrevistas individuais finais com as jogadoras. Os dados coletados foram analisados segundo o método de orientação fenomenológica. Os resultados obtidos sugerem as seguintes conclusões: a) a importância do trabalho em grupo para possibilitar a emergência de conteúdos psicológicos e como fator de facilitação de maior coesão grupal; b) o papel relevante do estabelecimento de objetivos comuns que possam congrega a ação das atletas; c) a observação de jogos como um importante instrumento de coleta de dados; d) a obtenção de vitórias não implica, necessariamente, no estabelecimento de coesão grupal; e) o incentivo externo, por parte do técnico, mostrou-se como fator relevante para a melhora do rendimento da equipe; f) constatou-se certa dificuldade em relação a determinadas renúncias inerentes à prática esportiva de alto rendimento; g) verificou-se a importância do atendimento psicológico individual como espaço de elaboração de conteúdos e de preservação da privacidade do atleta; h) o trabalho de acompanhamento psicológico realizado contribuiu para minimizar as dificuldades emocionais das atletas.

UNITERMOS: psicologia do esporte; coesão de grupo; acompanhamento psicológico; vôlei.

Introdução

Este estudo apresenta um processo de intervenção psicológica realizada junto a uma equipe de vôlei feminino juvenil e discute o trabalho de acompanhamento psicológico de equipes esportivas.

Pode-se dizer que na área de estudos da Psicologia dos Esportes, apesar do enorme desenvolvimento observado nas últimas décadas (HORN, 1992), ainda não há um modelo de intervenção psicológica aceito de forma inequívoca pelos estudiosos. Muitas vezes observamos a utilização de técnicas psicológicas, originalmente destinadas ao atendimento clínico, em atletas, sem a necessária adequação das mesmas. A necessidade dessa adequação tem origem em diferenças presentes no enquadre do trabalho. Assim, usualmente, a demanda por atendimento psicológico está associada à existência de conflitos psíquicos geradores de sofrimento. Com atletas não necessariamente há esse tipo de demanda, freqüentemente a solicitação vincula-se ao que poderia ser denominado como "potencializar capacidades". É importante observar que, no campo do esporte de alto rendimento, estamos no universo da busca do limite humano e, obviamente, este limite não diz respeito apenas aos aspectos físicos, mas também aos psicológicos. Por outro lado, em equipes esportivas o psicólogo, normalmente, é contratado pela direção da equipe e não pelo atleta em particular.

Todavia, não podemos desconsiderar que existem dificuldades psicológicas, de origem pessoal, que necessitam de elaboração e que há, também, determinadas situações conflitivas decorrentes da própria vivência do esporte de alto rendimento. Investigando os problemas afetivos comuns ao meio esportivo, MOSQUERA & STOBÁUS (1984) destacam principalmente: a instabilidade da profissão, dificuldades relacionadas à vida pública do atleta e com relação a coesão no grupo esportivo.

A instabilidade da carreira esportiva, muitas vezes, é um fator gerador de dificuldades emocionais. LODATO & LODATO (1992) observam certas particularidades da profissão, tais como, o fato da carreira do atleta ser, na maioria dos casos, curta e, além disso, a presença de um alto grau de incerteza quanto à obtenção e manutenção do sucesso. MOSQUERA & STOBÁUS (1984) acrescentam, com relação a instabilidade profissional do atleta, a presença de uma constante tensão dado o medo de ser substituído pelo seu fracasso ou pelo surgimento de alguém com desempenho superior e ainda pelo risco de lesões que o atleta submete-se.

Quanto ao fator vida pública do atleta, é comum a identidade de atleta monopolizar a vida pessoal do praticante de esporte de alto rendimento, podendo ocorrer dificuldades no desenvolvimento de uma identidade pessoal. Assim, o atleta, mesmo quando não se encontra em ambientes esportivos, tende a ser cobrado a ter um comportamento

¹ Parte deste artigo foi apresentado no VI Congresso de Educación Física e Ciencias do Deporte dos Países de língua portuguesa, realizado em A Coruña, Espanha, 1998.

² Psicóloga, doutoranda do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo. Bolsista do CNPq.

³ Psicólogo, docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.

condizente com a sua imagem pública de atleta. Essa situação pode gerar um aprisionamento da pessoa apenas no papel de atleta, a ponto de trazer enormes dificuldades no caso de interrupção da atividade esportiva, como, por exemplo, no final de carreira. Segundo OGILVE & HOWE este problema é agravado no atleta que pouco desenvolve outras facetas de sua identidade social, ficando seu sentimento de autovalorização totalmente atrelado aos seus resultados esportivos (1991, p. 527).

Um outro conflito afetivo comum no meio esportivo diz respeito a necessidade de coesão de grupos esportivos. A coesão de grupo é um aspecto bastante estudado, principalmente em esportes coletivos, pois, como ressalta CARRON (1991), a coesão está associada a algumas propriedades grupais importantes tais como: a boa comunicação entre os membros do grupo, a possibilidade do grupo entrar em consenso e a boa percepção que o grupo possui de si mesmo.

MATHESON *et al.* (1995) descreve inúmeras pesquisas, relacionando a coesão de grupo com a sua produtividade. Os estudos mostram que em esporte coletivo os grupos mais unidos, com melhor relacionamento interpessoal e que lutam por um objetivo comum, permanecem mais estáveis após uma competição, tendo este resultado favorável ou desfavorável. Já em esportes individuais a coesão da equipe não se mostrou como uma variável importante para o desempenho atlético. Em alguns estudos esta variável adquire importância quando associada à rivalidade entre equipes. Porém, na pesquisa desenvolvida por MATHESON *et al.* (1995), com mulheres participantes de jogos intercolégiais, de modalidades esportivas coletivas e individuais, verificou-se que a coesão do grupo estava associada a melhor rendimento, mesmo em esportes individuais. O autor aponta para uma diferenciação entre gêneros, que deve ser melhor explorada.

Portanto, esses dados provenientes de diferentes investigações, demonstram, de forma clara, a importância do fator coesão grupal para o bom desempenho em atividades esportivas. Um exemplo deste fato é a presença de excelentes atletas em uma mesma equipe, que devido a falta de coesão grupal, não chegam a alcançar os resultados expressivos (SIMÕES, 1973; CARRON, 1991; MOSQUERA & STOBÄUS, 1984).

É importante observar que no caso de equipes esportivas freqüentemente há uma exigência de uma convivência cotidiana extremamente elevada, implicando, além do treinamento esportivo, no contato interpessoal em concentrações, viagens e, em alguns casos, em moradias coletivas. Acontece que estamos falando de seres humanos, que não necessariamente estabelecem uma convivência harmoniosa com o outro. Essa exigência de uma convivência construtiva pode acarretar o surgimento de diversos conflitos interpessoais. SIMÕES (1973), observa que as diferenças individuais que compõem o grupo esportivo influenciam na

formação dos subgrupos. Embora esta seja uma dinâmica comum, ela deve ser amenizada no trabalho de Psicologia do esporte, pois a estruturação em subgrupos pode acabar prejudicando os objetivos comuns da equipe.

É importante ter em mente, que os conflitos grupais não são necessariamente um problema a ser evitado, uma suposta harmonia paralizante não é o objetivo a ser atingido. MOSQUERA & STOBÄUS comentando esse tema afirmam: "As pesquisas em grupos humanos têm provado que uma dose de tensão e de conflito se fazem necessárias e que o importante não é a harmonia como estado total, mas a superação do conflito encaminhando-se para uma forma de integração" (1984, p. 170).

Todos esses relatos de pesquisa caminham no sentido de que, a prática esportiva visando alto rendimento exige do atleta uma grande dedicação o que implica em um elevado número de renúncias pessoais, tais como: redução da participação social, regularização de hábitos de alimentação e sono. EPIPHANIO & AMATUZZI (1997), identificaram que a alta exigência do esporte de alto nível, muitas vezes, leva a uma dificuldade de permanência do atleta na prática esportiva.

Em linhas gerais, esses são os fatores básicos geradores de conflitos emocionais no contexto esportivo. Os estudos apresentados acima, cada um a sua maneira, demonstram uma preocupação com a dinâmica grupal no meio esportivo. Este trabalho pretende contribuir com essa área de pesquisa, focalizando temas como a importância da coesão grupal, a influência da instabilidade profissional do atleta e as exigências da vida esportiva.

Por outro lado, no levantamento bibliográfico efetuado, não encontrou-se publicações científicas dedicadas ao relato e a análise do trabalho de psicólogos em equipes esportivas. Assim sendo, uma outra contribuição desta pesquisa, é expor o trabalho de um psicólogo em um time de vôlei feminino juvenil.

Método

O contexto

Este trabalho foi desenvolvido em uma equipe de vôlei feminino juvenil, de uma cidade com cerca de 200 mil habitantes. Essa equipe recebeu apoio financeiro de uma instituição de ensino superior. Por meio dessa instituição uma grupo de profissionais da área de saúde- composta por uma Psicóloga, dois Fisiologistas e uma Nutricionista- foi contratada para o desenvolvimento de assessoria e pesquisa junto a esse time de vôlei. A equipe era composta por um técnico, um preparador físico, um supervisor administrativo e 12 jogadoras. A média de idade das jogadoras, era de 17,5 anos e 50% das mesmas estavam iniciando o curso universitário. A discriminação da faixa etária e do nível de escolaridade de cada jogadora, pode ser observado nos gráficos 1 e 2.

O técnico e oito jogadoras que participaram desta

Gráfico 1

Perfil das jogadoras em relação à idade

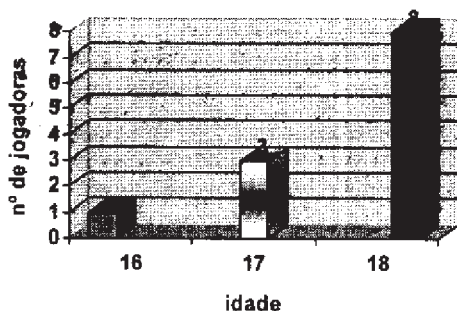
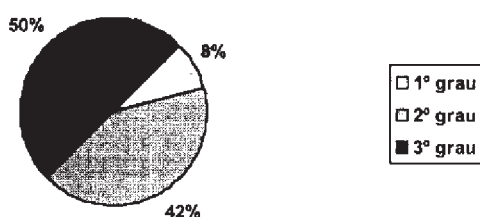


Gráfico 2

Perfil das jogadoras em termos de escolaridades



pesquisa fazem parte desse time há quatro anos, as outras quatro jogadoras foram incorporadas ao grupo no início do ano em que a pesquisa foi realizada.

Procedimento

O acompanhamento psicológico da equipe de vôlei foi iniciado no mês de março de 1997 e finalizou-se em dezembro do mesmo ano. Os recursos utilizados no trabalho psicológico desenvolvido junto a essa equipe esportiva foram os seguintes: entrevistas iniciais individuais com as jogadoras e com o técnico, encontros individuais e em grupos com as jogadoras, observação de jogos e entrevistas finais com as jogadoras.

Entrevistas iniciais

Tendo por objetivo colher dados iniciais sobre o grupo a ser trabalhado, entrevistou-se o técnico e as jogadoras. Isso foi feito por meio de entrevistas individuais semi-estruturadas, com as jogadoras, e entrevista aberta, com o técnico. As entrevistas com as jogadoras seguiram o seguinte roteiro básico:

1. O processo de escolha da prática esportiva.
2. Principais dificuldades enfrentadas com relação a essa equipe de vôlei.
3. Principais dificuldades enfrentadas em termos pessoais com relação a essa prática esportiva.
4. Qual o envolvimento da família com essa prática esportiva.
5. Objetivos pessoais com o esporte.

O resultado dessa coleta de dados inicial serviu como linha de base para o direcionamento do trabalho psicológico desenvolvido.

Encontros individuais e em grupos

A partir dos dados coletados nas entrevistas iniciais, passou-se a realizar os encontros individuais e grupais das jogadoras com a psicóloga/pesquisadora.

Os encontros individuais eram agendados quando solicitado pelas jogadoras. Estes tinham como objetivo a elaboração de conflitos pessoais que, pelo menos de forma explícita, não diziam respeito ao grupo.

As reuniões de grupo, numa periodicidade de cerca de uma por semana, foram norteadas segundo os parâmetros que DELAROSSA (1979) estabeleceu para Grupos de Reflexão, adaptados a situações de esporte. Segundo DELAROSSA (1979), o grupo de reflexão, é uma técnica grupal que visa desenvolver a capacidade de reflexão a cerca de fenômenos relacionais e, em certas situações, a tomada de consciência de aspectos não conscientes. Sendo que esse autor, entende a capacidade de reflexão como uma integração das capacidades de pensar, agir e, principalmente, aprender a aprender. Os grupos de reflexão não tem objetivos terapêuticos, embora possam proporcionar a elaboração de fenômenos psíquicos.

Em termos mais concretos as jogadoras se reuniam, em uma sala de reuniões da Instituição de ensino que apoiava o time, com a psicóloga e eram estimuladas a verbalizar conteúdos relacionados com as suas vivências naquela equipe esportiva. Os temas emergentes, mais afinados com o interesse do grupo como um todo, eram trabalhados e elaborados visando alcançar uma perspectiva construtiva em relação aos objetivos da equipe.

A partir dos dados coletados no trabalho grupal com as jogadoras, constatou-se a necessidade de realizar um contato individual com o técnico. Este encontro teve um sentido de abordar aspectos do relacionamento do técnico com as jogadoras.

Observação de jogos

Um outro recurso adotado, foi a observação de jogos da equipe estudada pela pesquisadora. Treze jogos foram observados, nos quais a pesquisadora procurava dirigir a atenção para as reações, da equipe como um todo e de cada jogadora, à determinadas situações de jogo, tais como: acerto, erro, situações difíceis, vitória e derrota.

Entrevistas finais

No mês de dezembro de 1997, último mês do acompanhamento psicológico efetuado, realizou-se uma entrevista individual com cada uma das jogadoras da equipe. Dois objetivos básicos dirigiram essa atividade. Obter uma apreciação das jogadoras a respeito da influência do trabalho psicológico desenvolvido- aspectos positivos e negativos do

mesmo. Propiciar uma situação de feed-back da psicóloga para as jogadoras, isso em termos do aproveitamento do trabalho efetuado durante o ano esportivo.

Análise dos dados

Este estudo insere-se no contexto de pesquisa qualitativa, em particular na esfera dos relatos de experiência. Os dados coletados nas entrevistas, encontros e observações efetuadas foram anotados, a posteriori, pela psicóloga. A partir desse material a pesquisadora buscou, por meio de diversas leituras do mesmo, extrair o conteúdo relevante para a temática focalizada neste trabalho, ou seja, as dificuldades psicológicas vivenciadas pelos integrantes de uma equipe de voleibol feminino.

Resultados

Entrevista inicial com o técnico

Na entrevista realizada com o técnico, os seguintes aspectos foram apontados como dificuldades da equipe:

- Insegurança de algumas jogadoras.
- Ausência de objetivos do grupo como um todo, o que levava uma dedicação insatisfatória e a dificuldade em aceitar renúncias inerentes à vida de atleta.
- Imaturidade do grupo, gerando dificuldade em assumir responsabilidades.
- Conflitos familiares de algumas jogadoras.
- Formação da equipe - a equipe fora montada há quatro anos, sendo que oito atletas da própria cidade faziam parte da mesma desde o início e quatro jogadoras, vindas de outras cidades, foram contratadas para essa temporada esportiva.

Uma apreciação inicial sobre esses dados, indica certa confluência de observações do técnico em direção a questões ligadas ao que poderia ser caracterizado como certa imaturidade do grupo de jogadoras. É importante recordar que esse grupo de jogadoras tinha como média de idade 17,5 anos, por outro lado, o entrevistado afirmou que possuía, predominantemente, experiências de direção de equipes adultas.

Entrevistas iniciais com as jogadoras

As dificuldades mais frequentes levantadas a partir dos dados das entrevistas iniciais com as jogadoras foram os seguintes:

- Conflitos emocionais pessoais, sem ligação com o esporte.
- Dificuldades no relacionamento com o técnico.
- Problemas familiares
- Alto nível de exigência em relação ao próprio desempenho esportivo.

Um aspecto que chama a atenção, nesses dados iniciais, diz respeito ao enfoque individual dos temas problemáticos relatados pelas atletas, ou seja, nesse primeiro momento, as

jogadoras não atribuem suas dificuldades ao inter-relacionamento grupal.

Encontros individuais e grupais

No primeiro encontro em grupo, tornou-se evidente a existência de conflitos de relacionamento interpessoal. Esses conflitos diziam respeito, principalmente, ao procedimento da levantadora da equipe, considerado muito crítico em relação aos erros cometidos pelas outras jogadoras, nas disputas finais da temporada do ano anterior. Percebeu-se que a explicitação e o esclarecimento desse conteúdo, propiciou uma diminuição da tensão conflitiva presente no grupo. Por outro lado, nesse início do trabalho com o grupo, observou-se uma certa ausência de coesão grupal.

Em um determinado momento do trabalho, quando já havia uma maior confiança no trabalho psicológico desenvolvido junto a equipe, houve um movimento do grupo no sentido de criticar o procedimento do técnico. Segundo as jogadoras, havia um excesso de críticas do técnico com relação as falhas no desempenho das jogadoras e, também, uma carência de valorização dos acertos efetuados. Nessa fase do trabalho, o grupo tendia a atribuir suas dificuldades como decorrentes da atuação do técnico, sendo que, este movimento persistiu por várias sessões. Sempre que o grupo era estimulado a pensar nas suas próprias possibilidades de desenvolvimento, as críticas ao técnico eram novamente verbalizadas e, dessa forma, acabavam funcionando como um agente limitador do processo.

A partir desses dados do trabalho grupal, constatou-se a necessidade de realizar um encontro da pesquisadora com o técnico. Nesse encontro, ele mostrou-se bastante disponível para discutir as questões levantadas com relação ao seu relacionamento com as jogadoras. Manifestou ter consciência de sua dificuldade no contato interpessoal com as mesmas, chegando a exigir, em alguns momentos, uma maturidade excessiva de suas atletas. Ao final desse encontro, o técnico se propôs a tentar aumentar os incentivos frente ao desempenho positivos das jogadoras.

No encontro seguinte, com as jogadoras, o grupo relatou ter percebido a ocorrência de alterações importantes na conduta do técnico, sentido, agora, como menos crítico. Um dado interessante é que esta alteração de procedimento do técnico ocorreu antes do encontro da pesquisadora com o mesmo. Por outro lado, no encontro com o grupo, houve uma tendência em reconhecer que o técnico não era o único responsável pelas dificuldades enfrentadas. Esse foi um marco importante no trabalho, pois nesse momento as jogadoras deixam de focalizar exclusivamente o comportamento do técnico e conseguem mobilizar-se no sentido do olhar para si mesmas.

A partir do movimento anterior, percebeu-se que muitas das críticas atribuídas ao técnico ocorriam, também, na própria dinâmica do grupo. Ou seja, havia entre as jogadoras uma tendência no sentido de críticas excessivas e falta de incentivo mútuo. Essa tomada de consciência propiciou uma diminuição de defesas e um conseqüente amadurecimento do grupo. Com

isso, as jogadoras passaram a focalizar outros temas limitantes de seu rendimento esportivo, como, por exemplo, uma dedicação, em alguns aspectos, insuficiente à prática esportiva.

Em um determinado momento do acompanhamento psicológico realizado, houve uma alteração na dinâmica do grupo. O grupo se dividiu em dois subgrupos: um das jogadoras da cidade, e o outro das jogadoras de fora. O motivo dessa divisão foi um sentimento de injustiça, manifestado pelas jogadoras da cidade, quanto a questões de ordem financeiras-havia um maior gasto com as jogadoras de fora, porém estas apresentavam desempenho esportivo inferior na equipe. Com a discussão dos vários aspectos dessa temática, pode-se chegar a um alívio da tensão presente e o grupo voltou a antiga formação de subgrupos menores.

Em geral, os dados dos encontros individuais referiram-se a questões muito particulares, não refletindo temas relacionadas ao desenvolvimento da equipe propriamente dita. Houve apenas um fato comum nos conteúdos dos encontros individuais, qual seja, conflitos com relação a permanência no esporte, isso atribuído às diversas dificuldades enfrentadas no dia-a-dia da prática esportiva e a instabilidade quanto ao futuro da profissão de atleta.

Observação de jogos

No primeiro jogo observado, no mês de agosto de 1997, percebeu-se no início do mesmo, que o time transmitia harmonia, alegria e vibrava em conjunto na conquista de pontos. No momento em que o time começou a errar, a dinâmica do grupo em quadra se alterou. As manifestações críticas entre as jogadoras eram intensas e observou-se uma certa perda da harmonia inicial. Observou-se, também, que a atuação do técnico foi bastante crítica, diante das falhas da equipe. Ao final da partida, apesar da vitória alcançada, por 3 sets a 1, chamou a atenção a frágil comemoração pelo resultado atingido.

Nos quatro jogos observados, do quadrangular final do campeonato que envolviam as cidades do interior do Estado, durante o mês de outubro, a equipe apresentou o mesmo padrão básico de comportamento, ou seja, entrava bastante motivada na quadra, tendia a demonstrar desânimo frente a ocorrência de erros, porém, em momentos difíceis do jogo, o time conseguia superar esse desânimo e acabava alcançando a vitória. Três aspectos ficaram salientes nesses jogos observados: a união demonstrada pela equipe, o comportamento do técnico no sentido de incentivar as jogadoras e a comemoração intensa das vitórias conquistadas.

No início do mês de novembro, foram observados quatro jogos do torneio classificatório para as finais do campeonato estadual. Esses jogos foram realizados na cidade sede da equipe. Notou-se, com relação ao comportamento da equipe, uma relativa repetição do padrão já descrito para os jogos de outubro com alguns elementos novos. O principal foi a presença da torcida local, que estimulava a equipe e

influenciava o comportamento das jogadoras, em alguns momentos de forma positiva e, em outros, de forma negativa. Quanto a influência negativa, percebeu-se um aumento da cobrança por resultados, partindo das próprias jogadoras, o que tendia a acarretar certa instabilidade emocional na equipe.

Nos quatro jogos observados do quadrangular final do campeonato estadual, realizados na segunda quinzena do mês de novembro, o time demonstrou um comportamento diferente do que vinha apresentando nos últimos jogos. Constatou-se uma falta de incentivo mútuo, ausência de união grupal e presença de cobrança excessiva por parte das jogadoras. Um fato que necessita ser explicitado, e que pode ter influenciado a ocorrência dessa alteração da dinâmica grupal, diz respeito a ameaça do não comparecimento da equipe nesses jogos finais, devido a problemas com o financiamento da mesma. Apesar disso, algumas atletas conseguiram superar essa contingência de origem administrativa e apresentaram rendimento satisfatório nesses jogos.

Entrevistas finais

Nas entrevistas individuais finais com as jogadoras, as mesmas verbalizaram que, o acompanhamento psicológico realizado durante o ano, contribuiu bastante para o processo de desenvolvimento da equipe. Houve também, uma tendência em atribuir a melhora do relacionamento das atletas com o técnico às intervenções da psicóloga. Além disso, jogadoras que não solicitaram encontros individuais com a psicóloga, consideraram que poderiam ter se beneficiado mais do trabalho, se assim o tivessem feito.

Discussão

Os resultados obtidos neste trabalho de acompanhamento de uma equipe de vôlei feminino, indicam, nas entrevistas iniciais efetuadas, queixas com relação ao comportamento do técnico. Por outro lado, nesses dados não se observa a presença de problemas de relacionamento interpessoal entre as atletas.

Com o início dos encontros grupais, surge um dado novo, a presença de conflitos entre as atletas. No trabalho desenvolvido, constatou-se que a explicitação desses conflitos ocasionou um alívio da tensão paralizante que até então se fazia presente. Segundo MOSQUERA & STOBÁUS (1984), a manifestação de conflitos de relacionamento é um importante fator para o crescimento do grupo esportivo. Pode-se afirmar que, neste trabalho, o encontro grupal funcionou como um eficiente facilitador dos conteúdos até então não verbalizados. Esse resultado caminha no sentido da importância de se trabalhar em grupo, com atletas de esporte coletivo.

Uma hipótese que pode ser lançada, para explicar a ausência de relatos de conflitos interpessoais nas entrevistas individuais iniciais, diz respeito a uma possível presença de resistência frente ao trabalho psicológico que ora se iniciava. Esta hipótese confirma os dados relatados por GRINBERG *et alli* (1976), quanto a presença de um certo grau de resistência

sempre observado ao se iniciar um processo de intervenção psicológica.

Sabe-se que, em esportes coletivos, além dos aspectos psicológicos individuais que interferem no rendimento do atleta, existem também os componentes que dizem respeito aos relacionamentos interpessoais. Assim como explicitado na introdução desse trabalho, vários autores afirmam que o bom rendimento de uma equipe esportiva, esta também vinculado ao grau de coesão existente na mesma (SIMÕES, 1973; MOSQUERA & STOUBÄUS, 1984; CARRON, 1991; MATHESON, 1995). Com isto, um dos primeiros pontos a ser trabalhado com uma equipe é a integração dela, em busca de uma coesão grupal.

Durante o acompanhamento psicológico efetuado, percebemos a existência de pequenos subgrupos na equipe pesquisada. SIMÕES (1973) afirma que essa estrutura de pequenos grupos é freqüentemente observada em times de esportes coletivos, isso em função, principalmente, da presença de diferenças individuais entre seus membros. Por outro lado, esse mesmo autor sugere que essa formação em subgrupos não deve ser incentivada, pois ela representa um fator limitante no alcance de uma maior coesão grupal.

A partir do trabalho realizado, pode-se constatar alterações na estruturação grupal da equipe no decorrer do processo observado, ou seja, as estruturas grupais se alteraram de acordo com determinados eventos vivenciados pela equipe, indicando a presença de certa flexibilidade nas mesmas. Assim, por exemplo, houve uma alteração na formação dos subgrupos em função de uma questão financeira. Nessa situação, a equipe se subdivide em dois grandes grupos- o das jogadoras da cidade e o das jogadoras de fora. Também pôde-se observar uma mobilidade na estruturação dos subgrupos da equipe a partir de quando as jogadoras passaram a focalizar de maneira crítica a atuação do técnico. Nesse momento fica evidente uma certa harmonia grupal desencadeada pelo encontro de um objetivo comum. Esses exemplos demonstram a possibilidade de alteração da estruturação grupal desencadeada por situações temáticas específicas.

Com relação a importância do encontro de um objetivo comum que congregue a ação de grupo, percebe-se a necessidade do psicólogo de esporte estar atento aos momentos em que há a emergência desse objetivo, podendo utilizá-lo de maneira construtiva. Sabe-se que os atletas, por mais que tenham um objetivo próprio com o esporte, necessitam de uma meta comum, para que todos se unam para a conquista dessa meta e essa união fortalece o grupo em termos afetivos e influência de maneira positiva o desempenho da equipe.

No trabalho de intervenção realizado, buscou-se minimizar os aspectos que tendiam a dificultar a coesão grupal. O principal instrumento na consecução desse objetivo, foram os encontros grupais efetuados. Esse trabalho possibilitou, em diversos momentos, a emergência de conteúdos afetivos que facilitaram a percepção mais aprofundada de cada componente do grupo. Esse maior acesso à intimidade do outro e de si mesmo, tende a diminuir defesas, propicia uma maior aceitação das diferenças individuais presentes e melhora

a comunicação entre os membros do grupo. Um momento em que pôde ser observado esse efeito positivo do trabalho grupal, foi quando as jogadoras passaram a focalizar suas próprias limitações, que estavam interferindo negativamente no rendimento da equipe, ao invés de projetarem essas deficiências no comportamento do técnico. Em termos gerais, os dados desta pesquisa confirmam a literatura da área que indica a relevância do fator coesão grupal para o bom desempenho esportivo (CARRON, 1991; MATHESON, 1995). Isto pôde ser constatado a partir das observações de jogos efetuadas, como por exemplo nas partidas do quadrangular final do campeonato do interior do Estado.

Além dos encontros grupais e individuais, a observação de jogos constituiu-se em um importante instrumento de coleta de dados da pesquisa. Pôde-se, por meio dessa observação, acompanhar as reações individuais e grupais às diversas situações de jogos. MATHESON *et alii* (1995), estudando coesão grupal no esporte, observou que diante da vitória o grupo mantém uma grande vinculação, devido a conquista de uma meta comum. Diante da derrota, o grupo pode experimentar uma desestruturação da equipe, ou uma mudança conjunta no sentido de reparar os erros e novamente investir na conquista de uma próxima meta. No trabalho desenvolvido, constatamos uma ocorrência que coloca um outro aspecto na discussão desse tema. Ou seja, no primeiro jogo observado, o grupo, mesmo tendo alcançado a vitória, não manifestou comportamentos que expressassem a presença dessa vinculação, tais como, vibração efusiva e congratulações. Um fato que pode justificar esse acontecimento, seria que durante o jogo houveram críticas intensas do técnico para com as jogadoras e, também, entre as próprias jogadoras, sendo assim, a vitória não foi suficiente para superar o desgaste decorrentes das críticas. Por outro lado, na observação dessa partida pôde-se hipotetizar, que o relacionamento na equipe continha problemas que estavam dificultando a coesão grupal. Assim sendo podemos concluir que a vitória, por si só, não é capaz de gerar coesão grupal, esta depende, entre outros fatores, do relacionamento interpessoal entre todos os membros da equipe.

Uma dificuldade bastante focalizada no trabalho efetuado, foi a da queixa das jogadoras em relação à atuação do técnico- considerada excessivamente crítica. Apesar da atuação do técnico não ter sido, de forma direta, objeto de intervenção psicológica, pôde-se constatar certa alteração em sua atitude, no sentido de minimizar as críticas e reforçar ações positivas das atletas. Essa flexibilização do técnico, veio de encontro com uma necessidade das jogadoras. Quando falamos de jovens atletas, como é o caso do grupo estudado, a motivação extrínseca é muito importante, pois, conforme foi observado, a motivação intrínseca ainda não se encontra muito fortalecida do interior do grupo, e das atletas. Com o objetivo interno ainda enfraquecido, o incentivo externo faz o papel de alimentar a motivação do atleta, possibilitando uma maior dedicação.

Uma outra dificuldade identificada na investigação efetuada diz respeito a falta de disponibilidade das atletas em fazerem renúncias em nome da prática esportiva de alto

rendimento. Isso ficou evidente no momento em que o grupo percebeu que os seus problemas não eram, exclusivamente, decorrentes da atuação do técnico. Com os encontros grupais, as jogadoras puderam tomar consciência de suas próprias limitações. Ou seja, havia uma dificuldade em realizar renúncias consideradas necessárias ao bom rendimento esportivo, como, por exemplo, alterar o padrão de alimentação e cumprir horários regulares que acabavam dificultando a participação em eventos sociais. Cabe ressaltar que, a dificuldade em efetuar renúncias, foi um tema constante durante todo o trabalho, confirmando a queixa inicial do técnico. É necessário lembrar, que a média de idade do grupo acompanhado era de 17,5 anos, o que pode explicar a importância desse tema nesta equipe. Esse fator ganha relevância quando observamos que no meio esportivo, a preocupação com o desempenho tem-se tornado uma exigência cada vez mais precoce na vida do atleta, exigindo, com isso um grau de maturidade, em termos de dedicação e renúncias, que o atleta ainda é muito jovem para alcançar.

Por outro lado, a partir principalmente dos encontros individuais efetuados, ficaram evidentes conflitos com relação a instabilidade da profissão. Esta afirmação foi comprovada por alguns fatores observados no trabalho, tais como: disputas internas por posicionamento na equipe titular e dúvidas com relação à permanência no esporte, mobilizadas pela incerteza de sucesso futuro e também pela necessidade de renúncias. Esse dado obtido confirma as idéias de MOSQUERA & STOBÁUS (1984) e LODATO & LODATO (1992) sobre o assunto.

O acompanhamento psicológico realizado, demonstrou que em se tratando de um contexto esportivo, o atendimento grupal é muito importante, porém há a necessidade de se manter um atendimento individual, em função dos eventuais conflitos pessoais que não tenham relação direta com o grupo. O atleta pode optar por não dividir mais este momento de sua intimidade com o grupo, já que muitas vezes, é obrigado a dividir tantas outras coisas. Confirma esta afirmação o fato de que, neste estudo, boa parte dos atletas procuraram o atendimento psicológico individual.

Conclusão

Uma apreciação global do estudo efetuado, indica as seguintes conclusões:

- a) a importância do trabalho em grupo para possibilitar a emergência de conteúdos psicológicos.
- b) a importância do trabalho em grupo como fator de facilitação de maior coesão grupal.
- c) o papel relevante do estabelecimento de objetivos comuns que possam congrega a ação dos atletas de uma equipe esportiva.
- d) a observação de jogos é um importante instrumento de coleta de dados no trabalho com uma equipe esportiva.
- e) a obtenção de vitórias não implica, necessariamente, no estabelecimento de coesão grupal, esta coesão depende, também, do relacionamento interpessoal entre os membros da equipe.

f) no caso das atletas estudadas, a variável incentivo externo, por parte do técnico, mostrou-se como fator relevante para a melhora do rendimento da equipe.

g) no grupo estudado, possivelmente em função na faixa etária de seus membros, constatou-se certa dificuldade em relação a determinadas renúncias inerentes à prática esportiva de alto rendimento.

h) a importância do atendimento psicológico individual como espaço de elaboração de conteúdos e de preservação da privacidade do atleta.

i) segundo a opinião das atletas, manifestada nas entrevistas individuais finais, o trabalho de acompanhamento psicológico realizado contribuiu para minimizar as dificuldades emocionais das mesmas.

Referências bibliográficas

- CARRON, A. V. El equipo deportivo como un grupo eficaz. IN: WILLIAMS, J.M. *Psicología aplicada al deporte*. Madrid, Biblioteca Nueva. 1991. P. 133-155.
- DELLAROSA, A. *Grupos de refexión*. Buenos Aires, Ed. Paidós. 1979.
- EPIPHANIO, E. H. ; AMATUZZI, M. M.. A opção pelo triatlo como uma prioridade de vida: um estudo fenomenológico. *Estudos de Psicologia*, v. 14 , n.1, p.61-70. 1997.
- GRINBERG, L.; LANGER, M.; RODRIGUES, E. *Psicoterapia de grupo*, Rio de Janeiro, Ed. Forense Universitária. 1976.
- HORN, T. S.. *Advances in sport psychology*. Illinois, Human Kinetics. Champaign. 1992.
- LODATO, F. J.; LODATO, J. E. An ethical model for sport psychologists. *International Journal of Psychology*. V.26, n. 1, p.99-102. 1992.
- MATHESON, H; MATHEUS, S.; MURRAY, M. Group cohesion of female intercollegiate coacting and interacting teams across a competitive season. *International Journal of Sport Psychology*. V. 27, p. 37-49. 1995.
- MOSQUERA, J.; STOBÁUS, C. *Psicología do esporte*. , Porto Alegre, Ed. da Universidade do Rio Grande do Sul. 1984.
- OGILVIE, B. G.; HOWE, M.. El trauma de la finalización de la vida deportiva. IN: WILLIAMS, J.M. *Psicología aplicada al deporte*. Madrid., Biblioteca Nueva, 1991. P. 523-548.
- SIMÕES, R. Teoria de grupo no esporte. IN. LOBO, R.H. *Psicologia dos esportes*. São Paulo, Atlas. 1973. p.175-202.

ABSTRACT: *The objective of this study is to understand the psychological difficulties experienced by a group of young female volley-ball players and to discuss the intervention process involved. The study attempts to redress a lack in sport psychology relating to investigations into practical experiences concerning sport groups. The participants were a team of juvenile female volley-ball players, composed of 12 elements with an average age of 17,5 years. The study took place during the period between March to December 1997. It consisted of individual and group sessions. The gathering of information was effected via initial interviews individually with the trainer and players, reports on individual and group sessions, observing games and final individual interviews with the players. The data were analysed at a phenomenological methodology. The results obtained led to the following conclusions:- (a) the importance of group effort in order to allow the emergence of psychological content and as a factor facilitating greater group cohesion; (b) the relevant role in the establishment of common objectives which could unite the athletes' activities; (c) the observation of games as an important instrument in the collection of facts; (d) that obtaining victories did not necessarily result in group cohesion; (e) the external incentive of the trainer was a relevant factor in improving the team's production; (f) difficulty was noted in respect to certain sacrifices necessary to the practice of high efficiency sport; (g) the importance of individual psychological assistance, space to develop and the preservation of the athlete's privacy; (h) the psychological study undertaken contributed in minimizing the emotional difficulties of the athletes.*

UNITERMS: *psychology of sport; group cohesion; psychological attendance; volleyball.*
